



Abrindo caminhos

A. Domingues de Azevedo

A Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas é uma das mais jovens Instituições de regulação profissional existentes em Portugal. Pela sua juventude e jovialidade teve condições de implementar na sua concepção, estrutura e funcionamento um conjunto de novas ideias que não era muito usual no domínio do associativismo público.

Ideias que passavam e passam, sobretudo, por três grandes eixos de preocupação: apoio aos membros, afirmação e credibilização da profissão e implementação de melhor qualidade profissional.

Estas traves mestras constituem as molas reais do nosso desenvolvimento e também uma boa dose do grande sucesso que indiscutivelmente tem sido o caminho percorrido pela CTOC. É verdade que nem sempre totalmente compreendido, pois temos uma cultura muito acentuada no domínio da reivindicação de direitos, esquecendo e amedrontando-nos quando nos são lembrados alguns deveres.

Exemplo desse receio instalado nas mentes dos profissionais é que sempre que surge um aumento das responsabilidades atribuídas aos Técnicos Oficiais de Contas, analisa-se esse facto apenas pelo seu lado obrigacional e, conseqüentemente, pela parte mais negativa da sua leitura.

O aumento da responsabilidade constitui, acima de tudo, nova oportunidade para os TOC e um momento importante da sua afirmação profissional. É necessário ter a coragem de aproveitarmos essas ocasiões, valorizá-las profissional e financeiramente, pois elas não constituem uma ameaça, mas sim uma oportunidade.

É tempo da profissão afirmar-se de forma autónoma e segura dos seus deveres, direitos e dos destinos que quer traçar para o futuro.

Como máximo responsável pelos caminhos traçados nestes últimos dez anos, sinto a tranquilidade de consciência do dever cumprido. Sinto que muito foi feito, sinto que muito falta ainda fazer. Mas de uma Instituição que foi instalada no dia 15 de Julho de 1996 em cerca de 40 metros quadrados no 4.º andar do n.º 69 da Rua Nova do Almada, com uma mesa e cinco cadeiras, para uma Instituição que tem hoje o “desplante” e a ousadia de se instalar no coração de Lisboa, num edifício com 4700 metros quadrados, goste-se ou não, critique-se o que se quiser criticar, mas não se ignore a realidade.

A esta dimensão física tem de corresponder a dimensão profissional dos seus membros em qualidade, deontologia e respeito pelos valores que sustentam o interesse público que nos foi atribuído.

A criação de uma imagem diferente e de um profissional também distinto sempre foi o grande desafio que colocamos à profissão. Com as novas instalações, aumentam as possibilidades de mais facilmente atingirmos esse objectivo.

Não nos faltando a vontade de o materializarmos, todo o resto será acessório. Uma vontade férrea move montanhas.

O aumento de responsabilidade constitui, acima de tudo, nova oportunidade para os TOC e um momento importante da sua afirmação profissional. É necessário ter a coragem de aproveitarmos essas ocasiões